**Africanização do islão em Moçambique pelos nativos da Província da Zambézia, cidade de Quelimane**

**Lourindo Verde[[1]](#footnote-1)**

**Resumo**

A presente monografia intitulada *“***Africanização do islão em Moçambique pelos nativos da Província da Zambézia, cidade de Quelimane***”*. O artigo tem como objectivo compreender as razões do processo de africanização da religião islâmica pelos nativos africanos, tendo como caso particular a comunidade dos muçulmanos nativos da cidade de Quelimane. A pesquisa foi realizada com uma amostra de 22 intervenientes, dos quais 20 dos crentes são da comunidade muçulmana nativa de Quelimane e dois (2) presidentes, um da Comunidade Muçulmana Nativa de Moçambique e outro da Comunidade Islâmica de Moçambique na província da Zambézia. A pesquisa foi do tipo descritivo, tendo como método de abordagem o método Qualitativo e método de procedimento o método monográfico ou de estudo. Para a colecta de dados foram usados as seguintes técnicas de colecta de dados: entrevista semi-estruturada para dar liberdade ao entrevistado de abordar os aspectos que considere relevantes para a pesquisa mediante as questões de reflexão e a pesquisa documental recorrendo-se a documentos escritos do arquivo da comunidade muçulmana nativa de Janeiro. Feita a apresentação, analise e interpretação dos obtidos durante a pesquisa o autor conclui que as razões do surgimento da comunidade muçulmana nativa de Moçambique resultam primeiramente da não assimilação completa dos valores da religião e cultura islâmica e da necessidade de incluir os valores culturais tradicionais locais das comunidades africanas na religião islâmica, de modo que, esta não seja feita somente obedecendo a cultura dos povos árabes- islâmicos mais também que seja feita consoante a cultura dos povos africanos. Surgindo assim o que se designou por “*africanização do islã*”. Como exemplo temos a comunidade muçulmana nativa de Moçambique na cidade de Quelimane, localmente designada por Emwenhe Yobaliwana.

**Palavras-chaves:** africanização, islão, nativo, Quelimane.

# 0. Introdução

O presente artigo se a analise do processo da *“Africanização do islão em Moçambique pelos nativos da Província da Zambézia, cidade de Quelimane*”. A abordagem desta temática centrou-se na problemática de compreender as razões que propiciaram o surgimento da comunidade muçulmana nativa em Moçambique, na província da Zambézia e em particular da cidade de Quelimane. Onde é notória a existência de uma fracção da religião muçulmana, localmente designado por *emwenhe yobaliwana*, que em português significa muçulmano nativo é uma fracção que apresenta uma simbiose dos elementos religiosos da fé muçulmana islâmica com os elementos das religiões tradicionais africanos, de forma a levar os valores muçulmanos islâmicos originais que caracterizam esta religião na essência e revesti-los de alguns valores africanos, surgindo assim a expressão africanização do islão empregue pelo autor na presente monografia científica.

Para tal, duas hipóteses foram levantadas previamente, onde a primeira advoga que a africanização do islão na cidade de Quelimane surge da necessidade de adequar a religião islâmica aos hábitos e costumes culturais locais africanos, de modo a anexa-los na religião islâmica e a segunda advoga que a africanização do islão na cidade de Quelimane foi porque os nativos não assimilaram os valores da religião e cultura islâmica.

Sendo a comunidade muçulmana nativa de Moçambique, uma religião que já existia deste o período da expansão árabe-persa ao continente africano, torna-se num fenómeno social, que merece a atenção dos pesquisadores, académicos e investigadores das áreas de história, ciências sócias, estudos culturais, antropólogos, sociólogos, etc.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Quelimane, concretamente na comunidade de Janeiro, onde o autor usou varias técnicas de colecta de dados com destaque para a observação não participante realizada na Mesquita da comunidade de Janeiro da cidade de Quelimane, a Entrevista semi-estruturada, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Permitindo ao autor a colecta de dados necessários para a concretização da presente monografia.

Em meados do século VII, os árabes estavam em pleno processo de expansão, guerreando e conquistando terras em nome da religião que havia nascido com as palavras de Maomé: o islamismo

A invasão árabe no continente africano transformou completamente o perfil da África do Norte, do Mediterrâneo até a faixa sudânica. Uma região que mantivera, até então, estreito contacto com o mundo europeu (cultural e comercialmente, desde o florescimento do Império Egípcio, a colonização grega na Cirenaica, até o estabelecimento das colónias romanas na África Mediterrânica) passaria agora a voltar-se – cultural e economicamente – para o Oriente Médio; adoptando dele não só os costumes e a língua, mas também e, principalmente, a religião (KIZERBO, 2009).

Embora possa parecer que, no processo de islamização da África, ela teria perdido suas características culturais próprias em detrimento da religião e da cultura islâmica, os historiadores estão de acordo ao afirmar que teria ocorrido justamente o oposto: o que houve foi uma “*africanização do islã*”, isto é, desenvolveram um islamismo que conviveu lado a lado com as tradições ancestrais, como no Songhai, onde o rei Sonni Ali era um legítimo songhali (portanto africano), muçulmano e também um respeitado feiticeiro, (ALMEIDA, 2012).

Contudo na cidade de Quelimane, o autor constatou a existência de duas fracções muçulmanas dentro da religião islâmica, nomeadamente, a comunidade islâmica e a comunidade nativa de Moçambique, localmente designada por *Emwenhe Yobaliwana[[2]](#footnote-2)*. A primeira que obedece os princípios da religião islâmica plasmados no alcorão que é o livro sagrado dos islâmicos, seguindo as tradições da cultura árabe islâmica e sobretudo usando somente a língua litúrgica árabe durante dos seus cultos ou rezas e em contrapartida encontramos a segunda a comunidade muçulmana nativa – esta não usa necessariamente um alcorão próprio, mais seguem alguns mandamentos do alcorão islâmico, estes para além de usar a língua litúrgica árabe também usam as línguas locais e o português durante os seus cultos, há inclusão de alguns cultos mágicos religiosos locais como o *Mucutho[[3]](#footnote-3)* nas suas manifestações religiosas. Desta forma surge a problemática que se pretende abordar do presente artigo, que é: **Porque a africanização do islão na cidade Quelimane?**

Hipoteticamente,foram identificadas as seguintes hipóteses ou pré-respostas:

**H1**. A africanização do islão na cidade de Quelimane surge da necessidade de adequar a religião islâmica aos hábitos e costumes culturais locais africanos, de modo a anexa-los na religião islâmica;

**H2**. A africanização do islão na cidade de Quelimane foi porque a comunidade local não assimilaram os valores da religião e cultura islâmica.

A escolha pelo tema “*A africanização do islão pelos nativos da cidade de Quelimane: caso da comunidade muçulmana de Janeiro*” proposto para o estudo deve-se primeiramente pelo facto do autor ser residente da cidade de Quelimane onde tem-se verificado a existência de duas religiões muçulmanas, a dos muçulmanos islâmicos e dos muçulmanos nativos, que são intolerantes entre elas.

Em seguida, dada a escassez de fontes escritas sobre a matéria, surge a necessidade de abordar esta temática de modo a contribuir com mais uma fonte escrita que aborda a questão da religião, concretamente dos muçulmanos nativos na cidade de Quelimane.

A questão sobre a africanização das religiões ocidentais e orientais já foi abordada por vários autores, com destaque para Albert Adu Boahen, nos livro “*História geral de África VII: África sob dominação colonial 1880-1935*”, destaca o surgimento de religiões fundadas por curandeiros e feiticeiros autóctones como uma forma de resistência a submissão aos valores religiosos dos colonizadores, surgindo assim igrejas cristãs protestantes com raízes ou alguns elementos tradicionais africanos.

Também GRACIA, Francisco Proença (2003), na obra intitulada “*O islão na África subsaariana – Guiné-Bissau e Moçambique, uma análise comparativa”*. O autor faz uma análise comprativa dos mecanismos políticos, sócio e religiosos que influencia na manifestação do islão nestes dois países, o autor advoga que o islamismo é uma religião, moral, um sistema social, económico e político que não é homogéneo em África: as formas culturais e muçulmanas diferem como resultado com os regimes políticos e os contextos sociais que as populações vivem.

BOUNE (2001), na obra “*Moçambique: Islão e a cultura tradicional*”, o autor aborda o Islão africano que apesar de integrado na *Umma[[4]](#footnote-4)* geral, adaptado as culturas africanas e as mentalidades de cada momento histórico. O islão africano ancora-se nas estruturas da vida colectiva, impregnando as práticas sociais do dia-a-dia, modificando as antigas formas de vida, criando novas vivências em conformidade com os preceitos islâmicos.

Neste sentido, a presente estudo difere-se com as abordagens dos autores citados, pois preocupa-se com a africanização do islão pelos nativos da cidade Quelimane, trazendo as razões deste processo de africanização do islão e formas de manifestação da religião da comunidade muçulmana nativa.

No campo académico, concretamente na área da ciência histórica, contribuirá com mais um documento produzido sobre os conteúdos da história local, concretamente no tange ao estudo das religiões autóctones, com destaque para a religião dos muçulmanos nativos. Assim como incentivar para a realização de mais pesquisas e debates sobre a temática.

No campo da educação e do ensino de história, contribuirá para o estudo da história das sociedades locais no caso concreto da sociedade chuabo da cidade de Quelimane, mais também das sociedades moçambicanas e africanas no geral no tange aos valores religiosos e que contribuir na compreensão da evolução das religiões locais autóctones africanas.

No campo social e cultural o trabalho resultante da pesquisa contribuiu para exaltar a questão dos valores culturais dos povos africanos, moçambicanos e concretamente dos zambezianos, principalmente em matéria de símbolos e representações religiosas locais.

Objectivamente o estudo pretende de forma geralcompreender as razões da africanização do islão na cidade de Quelimane: caso da comunidade de Janeiro e forma específica, a pesquisa se propôs em descrever o processo de expansão da religião islâmica em África, de seguida explicar as razões da africanização da religião islâmica e finalmente analisar as implicações de africanização do islão pelos nativos da comunidade muçulmana de Janeiro da cidade de Quelimane.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida mediante a pesquisa descritiva, que na visão de (TRIVIÑOS, 2008), têm por objectivo de descrever criteriosamente os factos e fenómenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado.O que permitiu ao autor descrever as características particular da população da cidade de Quelimane no que tange as manifestações religiosas locais e da religião islâmica, as características particulares dos intervenientes da pesquisa e dos muçulmanos nativos da cidade de Quelimane.

O que permitiu ao autor compreender as razões da africanização do islão pelos nativos de Quelimane e as implicações sociais-culturais e políticas resultantes deste processo na comunidade da cidade de Quelimane. Uma das suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas e não padronizadas de colecta de dados, tais como a entrevista e a observação não participante.

No presente artigo, usou-se o método de abordagem qualitativa, pelo facto de permitir o autor explicar o porquê da emergência dos muçulmanos nativos, na cidade de Quelimane, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificando os valores e as trocas simbólicas nem as submetem à prova de factos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interacção) e se valem de diferentes abordagens.

Já o método de procedimento proposto é o método monográfico ou estudo de caso, porque permitiu ao autor, aprofundar uma realidade especifica – os muçulmanos nativos, na cidade de Quelimane - É basicamente realizada por meio da observação directa das actividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objectos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Como forma de colectar as informações sobre o tema e pesquisa foram usados como técnicas: as entrevistas semi-estruturada, a observação não participante, a documentação directa e a fonte oral.

Nas entrevistas semi-estruturadas não existe rigidez de roteiro. O que permitiu o pesquisador explorar mais algumas questões, se poderão se tornar pertinentes durante a entrevista, assim como torna o entrevistado livre de responder as questões sem que tenha uma rigorosidade em termos do que responder.

Na visão de GIL (2002:145), entrevista é definida como sendo uma técnica de colecta de dados em que o pesquisador se apresenta ao pesquisado e formula-lhe pergunta, com o objectivo de obter os dados que interessam a pesquisa.

Desta feita, a entrevista foi realizada na mesquita da comunidade de Janeiro da cidade de Quelimane. Onde no fim de cada culto, fez-se entrevistas aos crentes e líderes seleccionados para servirem de amostra, que responderam livremente as questões da ficha de entrevistas e tendo em conta que o uso da fonte oral requere o uso da metodologia proposta por J. Vansina citado por KI’ZERBO (2010), que para além do uso cruzado das fontes também deve-se entrevistar varias vezes a mesma pessoa com o mesmo questionário. Razão pela qual cada interveniente no mínimo foi entrevistado em três (3) ocasiões.

A entrevista também foi feita ao Presidente da Comunidade Muçulmana nativa de Moçambique e também foi proposto entrevistar o Presidente do Conselho Islâmico da Zambézia mais este não mostrou disponibilidade em todos momentos que lhe foi contactado. Através das entrevistas realizadas aos intervenientes da pesquisa o autor colectou mais informações sobre a temática estudada e compreendendo de forma enriquecida as razões da africanização do islão pelos nativos da cidade de Quelimane.

A observação não participante é uma técnica de colecta de dados que consiste na busca de informações mediante processo de observação não participante do fenómeno que se pretende estudar, sendo assim o pesquisador não só observa o fenómeno assim como anota e descreve os factos por ele observados.

Sendo que segundo LAKATOS & MARCONI (2000:64*), “observação não participante é a fase de pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias no campo de interesse”.*

A observação foi realizada mediante a assistência dos cultos na mesquita de Janeiro, a assistência foi feita em cinco (5) ocasiões, isto é, cinco cultos. Com finalidade de identificar as formas de manifestações culturais e islâmica dos crentes da mesquita dos muçulmanos nativos de Janeiro da cidade de Quelimane.

Para FONSECA (2002:32), a pesquisa documental recorre a fontes diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Para tal foram usadas estas fontes documentais escritas, que por sua vez não tiveram um tratamento analítico, disponíveis no arquivo da mesquita e da comunidade muçulmana nativa de Janeiro (relatórios, fotografias, brochuras sobre o historial), que por sua vez contribuíram para o enriquecimento do conteúdo do trabalho em pesquisa.

Feita a colecta de dados da pesquisa, o autor recorreu a tabulação simples e a análise de discurso como técnicas para a apresentação, analise e interpretação de dados obtidos. A aplicação destas técnicas foi precedida pela selecção das questões pertinentes e pelo agrupamento das respostas dos intervenientes em categorias de análise.

Para Gil (2008:159), a tabulação é o processo de agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise. A tabulação do primeiro tipo, que também é denominada marginal, consiste na simples contagem das frequências das categorias de cada conjunto.

Deste modo, o autor utilizou tabelas que ilustram as percentagens das opiniões e informações fornecidas pelos intervenientes da pesquisa durante o processo de recolha de dados, para que a apresentação seja mais clara e objectiva o autor também utilizou a análise do discurso.

O processo de análise do discurso centrou-se na pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não-verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança).

Portanto o autor com a análise do discurso trabalhou no concreto com o sentido, das opiniões e do discurso heterogéneo marcado pela história e ideologia dos intervenientes, com isso o autor não pretende descobrir nada novo, apenas fez uma nova interpretação da realidade sobre a comunidade dos muçulmanos nativos da cidade de Quelimane.

Faz parte do universo da população a estudar, toda população que professa a religião islâmica, com mais atenção para os muçulmanos nativos da Província da Zambézia e concretamente na cidade de Quelimane. Para a presente pesquisa foi usada uma amostra de vinte e dois (22) indivíduos escolhidos de forma intencional, onde foram entrevistados: o presidente do conselho dos muçulmanos da Zambézia; o presidente dos muçulmanos nativos e vinte (20) crentes da religião dos muçulmanos dos nativos, na mesquita de Janeiro da cidade de Quelimane. Distribuídos da seguinte forma: cinco (5) líderes da mesquita, quinze (15) crentes. Como ilustra a tabela abaixo.

**Tabela 1: distribuição dos intervenientes da pesquisa**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Variáveis** | **Homens** | **Mulheres** | **Total** |
| **PCMZ** | 1 | 0 | 1 |
| **PCMN** | 1 | 0 | 1 |
| **Líderes da mesquita de Janeiro** | 5 | 0 | 5 |
| **Crentes da mesquita de Janeiro** | 10 | 5 | 15 |
| **Total** | 17 | 5 | **22** |

O tipo de amostragem proposto é amostragem por acessibilidade ou por conveniência. Na visão de Gil (2008, 94), este tipo de amostragem:

“Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador selecciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão”

A escolha deste tipo de amostragem deve-se pelo facto de permitir o autor escolher os intervenientes que tem acesso, que possam representar o universo.

# 2. Resultados

Antes da apresentação e análise dos resultados das entrevistas, o autor achou ser necessário fazer a breve descrição da área de estudo, como forma de situar o leitor.

**2. 1 Localização geográfica e descrição da cidade de Quelimane**

Para VIERA (2012:13), a cidade de Quelimane é a capital da província da Zambézia, divisão administrativa situada no centro de Moçambique, um país da África Oriental que integra o grupo PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), cuja costa é banhada pelo Oceano Índico.

Cidade de Quelimane está localizada no ambiente estuarino do rio dos Bons Sinais, cerca de 20 km do Oceano Índico. A cidade tem um porto, que é uma das suas principais actividades económicas, e uma indústria de pesca importante. O rio dos Bons Sinais forma o principal corpo de água na área. Há mais de cinco ilhas de Quelimane para a costa, formadas pelo rio. O rio é totalmente influenciado pela água do oceano. As ilhas são formadas, principalmente, por mangal e afectadas por graves inundações na época das chuvas e o rio forma o acesso exclusivo para o Oceano Índico. Em geral, Quelimane é pantanosa, sem lagos significativos.

O principal tipo de clima é tropical com duas estações. A precipitação anual é de 1.428 milímetros ao redor de Quelimane e Inhassunge. O período de chuva vária de Novembro a Abril. A temperatura média é de 25ºC. O mês mais seco é Setembro, com 20 mm. Maior parte da precipitação cai em Janeiro, com uma média de 260 mm.

**2. 2 Origem e evolução do povo Echuabo**

Segundo FERREIRA (1982:261), esta etnia foi resultante de migrações maráveis e macuas-lómuès para o ubérrimo delta do Zambeze, estão mais ligadas à história da colonização portuguesa do que à etno-história moçambicana. Os «colonos» dos Prazos Luabo e Mahindo, na sua maioria provenientes dos supracitados imigrantes, abandonaram na sua quase totalidade o direito orientado no sentido matriarcal (matrilinear e uxorilocal) mercê de contactos seculares com elementos alienígenas introduzidos pelos portos de Quelimane e Chinde, com relevância para as contribuições religiosas do islamismo e do cristianismo. A isto se acrescentou a influência desagregadora da sociedade dos Prazos.

As suas origens setentrionais ressaltam, igualmente, da inclusão do *Echuabo* entre as línguas macuas-lómuès, o que leva o aparecimento do termo chuabo. Em 1634 “*a cidade era governada por um forte, que protegia um grupo de bororos[[5]](#footnote-5) mantendo-os independentes do controlo Marave, adoptando para si o nome de “gente do forte”. Este tipo de forte era conhecido como chuambo ou chuabo”* (Carvalho 2009: 79). Este nome acabou por se estender à cidade e à população local que, com o passar dos tempos, conquistaram uma identidade étnica e uma língua distinta que perduram até hoje, denominados chuabos.

**2. 3 Breve historial da cidade de Quelimane**

De acordo com NEWITT (1997) a região de Quelimane não foi colonizada complemente o que levou manter algumas características muito próprias no seu processo de colonização, as quais ditaram uma vivência sui generis para todos quantos lá nasceram e viveram. No século XVI alguns afro-portugueses, começaram a estabelecer-se naquela região, fazendo acordos com as tribos locais.

No século XVII o Estado Português passa a atribuir concessões de terras, designados por prazos da coroa que eram:

Terras concedidas mediante a assinatura de contractos de arrendamento elaborados de acordo com as regras do direito romano, mas, para os africanos Bororos: atuais Chuabos eram basicamente chefias, logo, funcionavam como parte de um complexo sistema de relações económicas e sociais destinadas a aproximar os povos da região (NEWITT, 1997:203).

Para SERRA (2000), muitas destas concessões, por deficiente comunicação e administração colonial, tornaram-se pequenos “*estados independentes*” ignorando totalmente a governação portuguesa, alguns chegaram a cobrar impostos para si mesmos.

No início desse mesmo século, transitavam escravos, marfim e ouro pelo porto de Quelimane, em que para além da riqueza circundante e transaccionada, também a sua situação geográfica lhe garantia um lugar de destaque nos laços comerciais e sociais de então.

Após as guerras napoleónicas, e até à independência do Brasil, toda a região e mesmo a maioria das colónias africanas, auto administravam-se transaccionando ouro, escravos e marfim. Sem as receitas do Brasil a metrópole Portuguesa virou-se para as colónias africanas.

De acordo com VIERA (2012), em Maio de 1761 Quelimane foi elevada a categoria de vila, conhecida como a Vila de São Martinho, tendo já uma população de 2.796 indivíduos de diferentes raças e com já alguns edifícios que existem até aos nossos dias, destaque para a residência do Governador, então sede da Companhia Boror, o Hospital, a Catedral Velha, o Quartel, a Companhia da Zambézia, o Arsenal, três escolas, a missão de Coalane, Caminhos-de-ferro, Chuabo Dembe e o muro da marginal sobranceira ao rio indolente, lamacento e pastoso.

Em 1763, o crescimento da vila propicia a construção da sua Câmara. O primeiro edifício da Câmara Municipal foi construído no ano de 1857, tendo sofrido ao longo dos anos várias reconstruções e adaptações até se transformar no que é hoje o Concelho Municipal da Cidade de Quelimane. Em 21 de Agosto de 1942, a vila de Quelimane foi elevada a cidade, sendo nessa data Governador da Zambézia o capitão Armando Eduardo Pinto Correia (VIERA, 2012).

De acordo com SERRA (2000), no período colonial a população da cidade de Quelimane era essencialmente europeia e os chuabos que aí trabalhavam residiam nas zonas suburbanas e conservavam um estilo de vida com características rurais. A organização social do povo chuabo fundava-se nas tradições, nas crenças, onde o conceito de família alargada assumia fortes laços de solidariedade.

Após a independência e com o passar do tempo a cidade não sofreu alterações na sua estrutura inicial, as suas ruas são espaçosas, bem delineadas e continuam ladeadas por árvores frondosas, principalmente a acácia vermelha, tornando a cidade mais fresca e protegida pelas sombras das árvores.

Esta cidade foi projectada para 30.000 habitantes, número que já foi ultrapassado há muito. Em paralelo, o não acompanhamento das principais infra-estruturas sócias a par desta explosão demográfica, mais agravada, pelo êxodo rural devido à guerra civil (1976 a 1992), leva à degradação da cidade, a qual, hoje, sofre, em toda a sua dimensão, a falta de um projecto urbanístico que acolha todos os seus habitantes condignamente (VIERA 2012).

# 3. Apresentação e interpretação de Dados

Primeiramente, o autor codificou as entrevistas da seguinte forma:

* PCMZ (1) – para designar o Presidente do Conselho Muçulmano da Zambézia;
* PCMNM (1) – para designar o Presidente da Comunidade dos Muçulmanos Nativos de Moçambique;
* LCMNMJ (1,2…5) – para designar os Líderes da Comunidade dos Muçulmanos Nativos da Mesquita de Janeiro;
* CCMNMJ (1,2,3,4…10) – para designar os Crentes da Comunidade dos Muçulmanos Nativos da Mesquita de Janeiro.

É de salientar que a delimitação das informações da problemática em estudo foi feita mediante as questões da ficha de entrevista (vete apêndice 1) que também constitui os subcapítulos do presente capítulo.

# 3. 1 Surgimento da comunidade dos muçulmanos nativos em Moçambique e em Quelimane

Para a colecta de dados sobre a génese da comunidade dos muçulmanos nativos de Moçambique e na cidade de Quelimane, o autor levantou a seguinte questão: *Como surge a comunidade dos muçulmanos nativos de Moçambique?*

Das respostas apresentadas pelos intervenientes o autor percebeu que a comunidade muçulmana nativa de Moçambique teve o seu berçário no período entre os séculos IX-XVI, na província da Zambézia entre as zonas de Inhassunge, Namacurra, Nicuadala e Chinde, como resultado dos contactos entre a população destas regiões com os comerciantes e navegadores árabes-swahilis que trouxeram consigo sua cultura sobretudo da religião islâmica que foi assimilada pelos povos da região costeira de África, Moçambique e da Zambézia em particular.

Esta assimilação da cultura e da religião islâmica foi realizada inicialmente pelos reis, chefes tradicionais, que deixaram de ser chamados “*Mambo*[[6]](#footnote-6)” e passaram a ser designados por “*Xeiques[[7]](#footnote-7)*” ou “*Sultãos[[8]](#footnote-8)*”.

Como advoga (ROCHA, 2006), com resultado do contacto entre os mercadores asiáticos e a população costeira de Moçambique, ocorreram nesta região transformações sociopolíticas, económicas religiosas e culturais. Assim a nível político surgem novas unidades políticas de inspiração asiáticas (os xeicados, exemplo: Sancul, Qitagonha, Sangage, sultanato de Angoche e os estados Ajauas) e a nível religioso, o islamismo representa a grande herança dos povos árabes na região e a nível cultural surgem novos hábitos, línguas resultando da fusão de línguas africanas e árabes.

Como pode-se constatar a comunidade dos muçulmanos nativos de Moçambique surge como consequência da expansão mercantil árabe-persa nos séculos IX-XVI. Contundo esta assimilação da religião islâmica não foi completa, pois os africanos, continuaram a praticar os cultos mágicos-religiosos e em alguns casos conciliaram a religião islâmica com os hábitos e costumes tradicionais africanos, surgindo assim o que se designou por *Emwenhe Yobaliwana*[[9]](#footnote-9). Posicionamento sustentado por um dos intervenientes:

Após assimilação do islão os seus cultos eram praticados da maneira tradicional dependendo dos hábitos e costumes de cada região, a declaração da fé era feita consoante o ensinamento tradicional ou ritos de iniciação evocando o nome de Alá enaltecendo o seu nome, pedindo a sua bênção para alcançar a misericórdia e seu perdão pelos pecados cometidos (PCMNM1, 2018; cp).

Segundo KI-ZERBO (2009), embora os reis, a partir do século XI adoptassem o islamismo, tanto o povo quanto os próprios reis continuaria praticando os rituais mágicos das religiões tradicionais.

Razão pela qual ALMEIDA (2012:103), advoga que embora possa parecer que, no processo de islamização da África, ela teria perdido suas características culturais próprias em detrimento da religião e da cultura islâmica, os historiadores estão de acordo ao afirmar que teria ocorrido justamente o oposto: o que houve foi uma “*africanização do islã*”.

# 3. 2 Razões da origem da comunidade muçulmana nativa

Para compreender as razões da origem da comunidade muçulmana nativa de Moçambique o autor levantou a seguinte questão: *Quais são as razões da sua origem?*

Das respostas apresentadas pelos intervenientes, o autor notou uma unanimidade em afirmar que a comunidade dos muçulmanos nativos surge como resultado da (1) não assimilação total dos valores e da cultura islâmica por parte das comunidades locais africanas; (2) da inclusão dos valores culturais tradicionais africanos na religião islâmica, isto é, da miscigenação dos valores culturais africanos com os valores culturais islâmicos. Estes dois aspectos podem ser considerados como principais razões para o surgimento da comunidade dos muçulmanos nativos de Moçambique. Como podemos constatar no depoimento de (CCMNMJ7, 2018,cp), que sustenta que “*as razões da origem da comunidade muçulmana nativa de Moçambique estão no facto de existir alguns mandamentos da comunidade islâmica que não foram aceites na comunidade muçulmana nativa”*.

Pode-se desta feita, dizer que a comunidade muçulmana nativa de Moçambique surge na necessidade de incluir os valores culturais tradicionais locais, sobretudo os hábitos e costumes das comunidades africanas na religião islâmica, de modo que, esta não seja feita somente obedecendo a cultura dos povos árabes- islâmicos mais também que seja feita consoante a cultura dos povos africanos.

Apesar do surgimento da comunidade muçulmana nativa estar relacionado com a expansão árabe-persa entre os séculos IX-XVI, esta comunidade só veio a ser reconhecida e inscrita pela associação das confecções religiosas de Moçambique em 2010, mais ela já vinha exercendo as suas actividades de forma “*clandestina*” desde a sua origem até a data da sua inscrição.

# 3. 3 Diferenças entre a comunidade muçulmana nativa com a comunidade islâmica

Para identificar as diferenças entre a comunidade muçulmana nativa que na verdade é uma religião islâmica africanizada com a comunidade islâmica propriamente dita. O autor levantou aos intervenientes da pesquisa a seguinte questão: *O que diferencia os muçulmanos nativos dos muçulmanos islâmicos?* Das respostas apresentadas pelos intervenientes o autor agrupou-as em uma tabela comparativa, se não vejamos:

**Tabela 2: diferenças entre a comunidade muçulmana nativa e comunidade islâmica**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Variáveis** | **Comunidade muçulmana nativa (Emwenhe Yobaliwana)** | **Comunidade islâmica (Slam)** |
| **Sacríficos aos antepassados** | Faz-se sacríficos aos antepassados (ex: Mucutho) | Não se faz |
| **Língua** | Usa-se a língua litúrgica Árabe, mais também o Português a e lingual local Chuabo | Usa-se a língua litúrgica Árabe. |
| **Nas cerimónias fúnebres** | Permite-se o acompanhamento de mulheres aos seus entequeridos no cemitério;  Permite-se que os defuntos sejam enterrados nos caixões e vestidos com a sua roupa que usam normalmente | Não se permite que as mulheres acompanhem os entequeridos no cemitério;  Não permite que os defuntos sejam enterrados no caixão |
| **Banho dos entequeridos** | O banho é feito de forma superficial, isto é, somente a limpeza da parte externa sem exprimir o abdómen | O banho é feito até a limpeza dos órgãos internos das pessoas (exprime-se o abdómen) |
| **O jejum** | O jejum não é obrigatório | O jejum é obrigatório |
| **Forma de rezar** | Não praticam o Dito Ruku, apenas ficam sentados numa única posição virado para kibla[[10]](#footnote-10).  As senhoras rezam na mesma mesquita com os homens e sentam lado a lado | Rezam em Ruku[[11]](#footnote-11)  As senhoras e os homens rezam não mesmo edifícios. |

**Adaptado pelo autor 2018**

Como pode-se perceber na tabela acima, existem muitas diferenças entre a comunidade muçulmana nativa (Emwenhe Yobaliwana) e a comunidade islâmica (Islam), mais apesar de tantas diferenças existem também várias semelhanças com destaque para a crença em Allah o único Deus e no profecta Mohammed como o único mensageiro de Deus e único profecta de Deus; O uso da língua árabe durante as orações e nos seus cultos apesar da inclusão dos valores locais por parte da comunidade muçulmana nativa, a prática do jejum (ramadã) que difere-se pela sua obrigatoriedade para a comunidade muçulmana islâmica e por não ser obrigatório para a comunidade dos muçulmanos nativos (porque o seu conselho não tem condições para sustentar as necessidades alimentares dos seus crentes durante o ramadã) e também nota-se uma semelhança total na forma de vestir.

Desta feita o autor compreende que a comunidade muçulmana nativa de Moçambique é uma forma africanizada do islão, razão pela qual advoga-se que ela surge do processo de africanização do islão como consequência da inclusão dos valores africanos, isto é, dos hábitos e costumes. É desta forma que um dos intervenientes da pesquisa afirma o seguinte:

Existem aspectos tradicionais, a cultura africana, as tradições africanas que nos não podemos descurar que fazem parte da religião que levam ao seu surgimento, o que faz com que cada comunidade tenha as suas características próprias diferentemente das outras comunidades como resultado dos valores, socioculturais, hábitos e costumes de cada comunidade(CCMNMJ2, 2018; cp.).

# 3. 4 Desafios da comunidade muçulmana nativa na actualidade

Para desenvolver os conteúdos sobre os desafios da comunidade muçulmana nativa de Quelimane o autor levantou a seguinte questão: *Quais são os desafios que a comunidade muçulmana nativa da cidade de Quelimane em particular a comunidade de Janeiro enfrentam actualmente*?

Com respostas apresentadas pelos intervenientes da pesquisa o autor compilou os seguintes desafios:

* Um dos principais desafios é a necessidade de encontrar as formas sustentáveis para solucionar os problemas que os apoquentam como crentes da comunidade muçulmana nativa;
* Manter um relacionamento e ambiente de paz e harmonia com a comunidade islâmica em geral;
* Uniformizar as formas de ser e estar como religiosos;
* Acompanhar a dinâmica do desenvolvimento contemporâneo do mundo e das confecções religiosas no seu todo;
* A construção da sua mesquita central, que estará construída no bairro Torrone Velho em direcção ao Bairro Icidua.

# 

# 

# 4. Conclusão

Terminada pesquisa, colecta de dados e sua respectiva apresentação, analise e interpretação, concernente a temática sobre “*A africanização do islão pelos nativos da cidade de Quelimane: caso da comunidade muçulmana de Janeiro”*. A presente monográfica centrou-se na necessidade de compreender as razões da africanização do islão na cidade de Quelimane: caso da mesquita da comunidade nativa de Janeiro. Para desenvolver a pesquisa, foi levantada a seguinte: Porque a africanização do islão na cidade Quelimane, caso da mesquita da comunidade *muçulmana de Janeiro?*

Como resultado da problemática levantada o autor apresentou duas hipóteses como respostas prévias da questão de partida da pesquisa, das quais o autor considera que foram validas. Pois, a primeira advogava que a africanização do islão na cidade de Quelimane surge da necessidade de adequar a religião islâmica aos hábitos e costumes culturais locais africanos, de modo a anexa-los na religião islâmica. Pois terminada a monografia o autor compreendeu que uma das razões do surgimento da comunidade muçulmana nativa é a inclusão dos valores culturais tradicionais africanos na religião islâmica, isto é, da miscigenação dos valores culturais africanos com os valores culturais islâmicos. A segunda hipótese afirmava que a africanização do islão na cidade de Quelimane foi porque a comunidade local não assimilou os valores da religião e cultura islâmica. Esta hipótese também foi validada pois a comunidade muçulmana nativa surge como resultado da não assimilação total dos valores e da cultura islâmica por parte das comunidades locais africanas.

De salientar que a comunidade muçulmana nativa de Moçambique teve o seu berçário no período entre os séculos IX-XVI, na província da Zambézia entre as zonas de Inhassunge, Namacurra, Nicoadala e Chinde, como resultado dos contactos entre a população destas regiões com os comerciantes e navegadores árabes-swahilis que trouxeram consigo sua cultura sobretudo da religião islâmica que foi assimilada pelos povos da região costeira de África, Moçambique e da Zambézia em particular

Contundo as razões do surgimento da comunidade muçulmana nativa de Moçambique estão ligadas com a não assimilação completa dos valores da religião e cultura islâmica, pois os africanos, continuaram a praticar os cultos mágicos-religiosos e em alguns casos conciliaram a religião islâmica com os hábitos e costumes tradicionais africanos. Surgindo desta feita, necessidade de incluir estes valores culturais tradicionais locais das comunidades africanas na religião islâmica, de modo que, esta não seja feita somente obedecendo a cultura dos povos árabes- islâmicos mais também que seja feita consoante a cultura dos povos africanos. Para tal, conclui-se que o processo de islamização da África, foi diferente em relação a outras regiões porque a África não perdeu as suas características culturais próprias em detrimento da religião e da cultura islâmica, mais sim houve uma “*africanização do islã*”. Exemplo claro deste fenómeno é a comunidade muçulmana nativa de Moçambique na cidade de Quelimane, localmente designada por *Emwenhe Yobaliwana*.

Esta comunidade muçulmana nativa de Moçambique actualmente atravessa vários desafios com destaque para (1) a necessidade de encontrar as formas sustentáveis para solucionar os problemas que os apoquentam como crentes da comunidade muçulmana nativa; (2) manter um relacionamento e ambiente de paz e harmonia com a comunidade islâmica em geral; (3) uniformizar as formas de ser e estar como religiosos; (4) acompanhar a dinâmica do desenvolvimento contemporâneo do mundo e das confecções religiosas no seu todo e (5) a construção da sua mesquita central, que será construída no bairro Torrone Velho em direcção ao Bairro Icidua.

Em termos sugestivos, avançámos para a comunidade muçulmana nativa de Moçambique que haja a tolerância religiosa de modo a respeitar as outras formas de manifestação religiosa e se expanda a sua doutrina para outros cantos do país de modo a expandir mais a religião.

Para a comunidade islâmica de Moçambique, que pautem pela tolerância religiosa, de modo a reconhecer outras formas de manifestação religiosa, sejam elas cristãs ou islâmicas e a tolerância religiosa de modo a respeitar a cultura africana.

**5. Bibliografia**

ALMEIDA, Ivete Batista da Silva: *A África islâmica e a história*. Fato&Versões. Uberlândia. São Paulo. 2012.

BOAHEN Albert Adu**:** *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. UNESCO, 2.ed. Brasília, 2010.

CARVALHO, L. (2009). *Doença e Cura em África Medicina Tradicional e Pastoral da Saúde no Povo Chuabo Uma Questão de Inculturação*. Lisboa: Roma Editora.

FERNANDES, António: *Formas de vida religiosa nas sociedades contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora. 2001.

FERREIRA, A. Rita: *Fixação portuguesa e história pré-colonial de Moçambique*. s/ed. s/editora. Lisboa. 1982;

GERHARDT Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo: *Método de pesquisa científica.* UFRGS-editora. Porto Alegre. 2009;

GIL. António Carlos, *Como Elaborar um Projecto de Pesquisa*, 4ª edição, São Paulo. Atlas editor, 2002.

GIL. António Carlos, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 6ª edição, São Paulo. Atlas Editora, 2008.

MARCONI. Mariana de Andrade & LAKATOS. Eva Maria, *Fundamento de* *Metodologia Científica,* 6ª edição, editora Atlas. São Paulo. 2009.

MORESI, Eduardo: *Metodologia de pesquisa*. UCB editora. Brasília. 2003.

MUBARAK, Caleb: *Introdução ao Islamismo*. Edição: Junta de Missões Mundiais. SEVILLA, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. da S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

# Apêndice

**Apêndice I: Questão para os intervenientes da pesquisa**

Entrevistas no âmbito da pesquisa sobre “*A africanização do islão pelos nativos da cidade de Quelimane: caso da comunidade muçulmana de Janeiro*”.

Idade \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_Sexo \_\_\_\_\_

Função\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Como surge a religião dos muçulmanos nativos de Quelimane?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Quais são as razões da sua origem?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. O que diferencia os muçulmanos nativos dos muçulmanos islâmicos?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. A religião dos muçulmanos nativos é oficialmente reconhecida pelo concelho dos muçulmanos?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1. Quais são os desafios que os muçulmanos nativos da cidade de Quelimane em particular da mesquita de Janeiro enfrentam actualmente?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Muito obrigado pela atenção dispensada**

1. Licenciado em Ensino de Historia e Mestrando em Ciências Politicas e Estudos Africanos pela Universidade Pedagógica de Moçambique [↑](#footnote-ref-1)
2. Emwenhe Yobaliwana – significa muçulmano de nascença ou nativo [↑](#footnote-ref-2)
3. Mucutho – significa cerimónias endereças aos antepassados [↑](#footnote-ref-3)
4. A *Umma* é a comunidade [↑](#footnote-ref-4)
5. Grupo local que controlava o comércio [↑](#footnote-ref-5)
6. Mambo – termo em língua Bantu usado para designar um rei [↑](#footnote-ref-6)
7. Xeique – termo em língua árabe usado para designar um líder muçulmano de um país, região, distrito e localidade. [↑](#footnote-ref-7)
8. Sultão – termo árabe usado para designar o soberano, individuo com poder e autoridade. [↑](#footnote-ref-8)
9. Muçulmanos nativos [↑](#footnote-ref-9)
10. Significa altar para os muçulmanos [↑](#footnote-ref-10)
11. É forma de rezar dos muçulmanos em que em pé com as mãos e depois inclinam a cabeça até ao umbigo. [↑](#footnote-ref-11)